

TRATADO fica para DEPOIS

Sem data definida, nova reunião de países-membros da ONU tentará construir um texto-base sobre a redução da produção de plásticos e o banimento de aditivos perigosos. Encontro em Genebra falhou

» PALOMA OLIVETO

T

Três anos de debates intensos e duas reuniões internacionais depois, o tratado global contra a poluição por plásticos nem chegou a “entrar no papel”. Com a rejeição dos dois rascunhos apresentados pela presidência das negociações em Genebra, na Suíça, sequer há um texto-base a ser discutido. Caso o assunto volte à mesa — ainda não há cronograma definido —, as delegações dos 185 países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) que se comprometeram com um “documento ambicioso”, terão de voltar ao esboço traçado em Busan, na Coreia do Sul, no fim de 2024.

Nos 10 dias da segunda etapa de negociações (CNI5-2), encerrada ontem, não se chegou perto de um consenso, frustrando especialmente os Estados insulares do Pacífico, margeados por toneladas de poluição plástica despejada nos oceanos. De um lado, estava o bloco dos países empenhados em medidas concretas para a redução da produção do material e o banimento de aditivos químicos conhecidos maléficos para a saúde e o meio ambiente. Do outro, os grandes produtores de petróleo, que insistiram em focar mais na gestão dos resíduos.

O Brasil, quarto maior produtor mundial de plástico e líder do setor na América Latina, posicionou-se ao meio, frustrando quem esperava do país uma postura combativa, como a assumida nas negociações da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC). “O país tem uma posição mais equilibrada em relação a essa discussão, ele entende a importância de um tratado que considere todo o ciclo



Ativistas na sede da ONU, em Genebra: "Um tratado fraco falha com o mundo". No fim, nenhum texto foi aprovado, causando frustração

de vida do produto plástico, incluindo a produção. Mas, não necessariamente, tem uma postura definitiva em relação à limitação da produção”, define Alexander Turra, membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (REC�), professor titular do Instituto Oceanográfico da USP e responsável pela Cátedra Unesco para a Sustentabilidade do Oceano.

Banimento

Turra acredita que a postura da delegação brasileira em Genebra “traz, eventualmente, questionamentos entre a dualidade de como o Brasil se posiciona da discussão da COP (das mudanças climáticas) e na dos plásticos”. O país, por exemplo, voltou atrás sobre a exigência do banimento de aditivos perigosos, já proibidos em alguns países, e apoiou a adoção de ações

O tamanho do problema

LEVANTAMENTOS DE ORGANISMOS DA ONU DÃO A DIMENSÃO DO PROBLEMA DA PRODUÇÃO INDISCRIMINADA DE PLÁSTICO NO MUNDO:

- » 475 milhões de toneladas de plástico são produzidas anualmente, sendo que cerca de dois terços da produção é de uso descartável;
- » De 19 milhões a 23 milhões de toneladas por ano, equivalente a 2 mil caminhões de lixo diariamente, vazam para ecossistemas aquáticos. Esse número pode chegar a 37 milhões de toneladas em 2040;
- » Dos cerca de 9,2 bilhões de toneladas produzidas em meio século, aproximadamente 7 bilhões viraram lixo ou pararam em aterros;
- » Cada pessoa consome mais de 50 mil partículas de plástico por ano;
- » Sem mudanças, apenas 6% dos plásticos serão reciclados em 2040.

Fonte: Organização das Nações Unidas

voluntárias para o tratado do plástico, em desacordo com o posicionamento do bloco que defendia medidas vinculantes. No ano passado, em Busan,

as delegações construíram o texto sobre o qual se debruçaram nos últimos 10 dias. Havia cerca de 100 pontos que deveriam ser discutidos, revistos e acordados

delegação australiana, também divulgou um texto sobre o tratado frustrado. “Sabemos que se trata de uma questão importante para a comunidade global, particularmente para o Pacífico, onde se sente um impacto descomunal da poluição por plástico”, disse. “Estamos muito decepcionados, como outros já disseram, por não termos conseguido avançar como comitê para finalizar um tratado aqui em Genebra.”

Social

Organizações não-governamentais que acompanharam a CNI5-2 também se posicionaram sobre a ausência de acordo. “Cada dia sem um acordo ambicioso significa mais plástico nos oceanos, mais riscos silenciosos e duradouros à saúde humana e mais perda irreversível de biodiversidade. Não se trata apenas de um problema ambiental, é também uma questão econômica, social e de justiça entre gerações. O tempo para concessões acabou: precisamos de um tratado forte, vinculante e efetivo, à altura da emergência que vivemos, e que seja capaz de mudar o rumo dessa história”, disse Michel Santos, gerente de Políticas Públicas do WWF-Brasil.

Na véspera da abertura do encontro em Genebra, uma comissão de cientistas internacionais publicou um artigo na revista *The Lancet* sobre os impactos nocivos do plástico à saúde ambiental e humana. No texto, que compara a Terra a um “cemitério de plástico”, os especialistas afirmam que a produção do material deve triplicar até 2060, passando de 475 milhões para 1,2 bilhão. Atualmente, 8 bilhões de toneladas métricas de lixo formado por diversos tipos de polímeros sintéticos poluem a Terra.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Segunda-feira, 11 MAMÍFERO DA ERA DOS DINOSSAUROS

Cientistas descobriram o fóssil de um mamífero, do tamanho de um pequeno rato, da era dos dinossauros e que foi encontrado na Patagônia chilena. O *Yeutherium pressor* viveu durante o período Cretáceo superior, há cerca de 74 milhões de anos. Pesando entre 30 e 40 gramas, foi o menor mamífero desse período encontrado nessa parte da América do Sul, quando a região fazia parte do antigo bloco continental de Gondwana. A descoberta, realizada por especialistas da Rede Paleontológica da Universidade do Chile e do centro de estudos Núcleo Milênio Evotem, foi publicada na revista científica britânica *Proceedings*, da The Royal Society B. “Trata-se de uma descoberta muito importante”, disse o paleontólogo Hans Püschel, que liderou a pesquisa. Embora seja semelhante a um pequeno roedor, o *Yeutherium pressor* deve ter sido um mamífero que colocava ovos (como o ornitorrinco) ou tinha filhotes como os marsupiais (como cangurus ou gambás). Ele coexistiu com os dinossauros até sua extinção abrupta no fim do Cretáceo, há 66 milhões de anos.

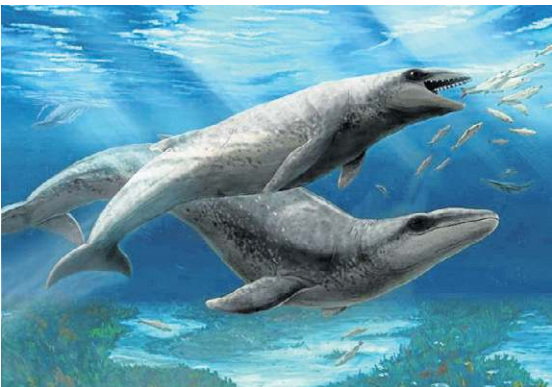


AFP

Terça-feira, 12 ADORÁVEL, MAS PERIGOSA

Cientistas australianos encontraram fósseis de uma baleia com dentes afiados que vagava pelos mares há 26 milhões de anos. Segundo os pesquisadores, a espécie parecia “adorável” à primeira vista, assemelhando-se a um golfinho. Na verdade, porém, era uma assustadora predadora. Especialistas do Museu Victoria apresentaram a reconstituição do exemplar a partir do fóssil bem preservado de um crânio encontrado em 2019 na Surf Coast Shire, no estado de Victoria. “É basicamente uma pequena baleia com olhos grandes e uma boca cheia de dentes afiados e cortantes”, resumiu o pesquisador Ruairidh Duncan. “Imagine a versão semelhante a um tubarão de uma baleia com barbatanas, pequena e aparentemente adorável, mas definitivamente nada inofensiva”, afirmou. O crânio pertenceu a uma espécie pré-histórica conhecida como mammalodon. É o quarto tipo já descoberto, indicou o museu. “Esse fóssil abre uma janela para como baleias antigas cresceram e mudaram, e como a evolução moldou seus corpos ao adaptá-los à vida no mar”, explicou o paleontólogo Erich Fitzgerald, coautor do estudo.

Ruairidh Duncan. Source - Museums Victoria



Quarta-feira, 13 ONDA DE CALOR COM 2°C A MAIS

A mudança climática elevou em quase 2°C a recente onda de calor que afetou o norte da Europa, desafiando os ecossistemas e os criadores de renas em uma região pouco equipada para enfrentar os fenômenos, anunciou a rede científica World Weather Attribution (WWA). Finlândia, Noruega e Suécia registraram um clima excepcionalmente quente durante duas semanas em julho, com temperaturas que ultrapassaram os 30°C. Os finlandeses enfrentaram 22 dias consecutivos de temperaturas superiores a 30°C. O calor persistente provocou desmaios durante eventos ao ar livre, saturou e superaqueceu os hospitais, causou incêndios florestais, aumentou os afogamentos e levou as renas a buscar sombra nas cidades, segundo o relatório elaborado por mais de 20 pesquisadores europeus. “A mudança climática está transformando fundamentalmente o mundo em que vivemos,” declarou Clair Barnes, pesquisadora do Centro de Política Ambiental no Imperial College de Londres. “Os países com climas frios, como Noruega, Suécia e Finlândia, agora experimentam níveis de calor desconhecidos”, acrescentou.

Quinta-feira, 14 INVERSÃO DE SEXO EM AVES AUSTRALIANAS

Cientistas documentaram uma taxa surpreendente de inversão sexual em aves silvestres australianas, um fenômeno cujas causas podem ser o aumento da poluição ou outros aspectos ambientais. Um estudo entre cinco espécies comuns, como cucaburras, picas e lóris, concluiu que cerca de 6% dos pássaros tinham os cromossomos de um sexo, mas os órgãos reprodutivos do outro. Os resultados apontam para um número surpreendentemente alto de inversão após o nascimento, disseram pesquisadores da Universidade de Sunshine Coast. “Isso indica que a determinação do sexo em aves silvestres é menos rígida do que pensávamos e pode persistir até a idade adulta”, explicou Dominique Potvin, coautora da pesquisa. O estudo realizou testes de DNA em quase 500 exemplares. A maioria das inversões sexuais ocorreu em aves geneticamente fêmeas que desenvolveram gônadas masculinas. “Também descobrimos uma cucaburra geneticamente macho, reprodutivamente ativa e com grandes folículos e um oviduto distendido, o que indica uma produção recente de ovos”, apontou Potvin. Bastante comum em algumas espécies de répteis e peixes, a inversão de sexo é considerada rara em aves silvestres e mamíferos.